Capítulo XVIII — Prudência e justiça do bom Ladrão

> **Sumário.** Virtudes necessárias à canonização. — A prudência. — O que é. — Heroica no bom Ladrão. — Testemunho de são Gregório de Nissa, de são Crisóstomo, de são Lourenço Justiniano. — Justiça do bom Ladrão. — Justiça para com Deus. — Para com o próximo. — Palavras do abade Godofredo de Vendôme.

De todos os santos, cujo número supera o das estrelas do firmamento, o bom Ladrão é o único que tem a glória de ter sido canonizado em vida, e canonizado por Nosso Senhor em pessoa. *«Em verdade te digo: Que hoje serás comigo no paraíso»*: tal foi o decreto de sua canonização. Esse decreto supõe a prática heroica das três virtudes teologais: a Fé, a Esperança e a Caridade; e das quatro virtudes cardeais: a Prudência, a Justiça, a Fortaleza e a Temperança. Acabamos de ver as três primeiras brilhar, em são Dimas, com um esplendor que faz empalidecer a fé, a esperança e a caridade mesmas dos apóstolos. Terá levado ao mesmo grau de heroísmo as quatro últimas? É a interessante questão que resta examinar.

Segundo o príncipe da teologia, a prudência é a boa conselheira de toda a vida humana: vida do tempo e vida da eternidade.[1] Para ser boa, a prudência deve dirigir a vida do tempo para a vida da eternidade e fazer servir uma à aquisição da outra. Toda prudência que não seja essa é prudência terrena, animal, diabólica. Pode muito bem tornar o homem hábil em enriquecer-se e elevar-se às dignidades; mas, apaixonando-o pelos bens passageiros, faz-lhe perder de vista o seu fim último e o conduz a uma desgraça sem remédio. Dessa falsa prudência Dimas seguira toda a vida os condenáveis conselhos. Mais um pouco, e cairia no abismo que ela cavara sob os seus pés.

De repente a verdadeira prudência desce ao convertido do Calvário, e a vemos brilhar com o mesmo esplendor que a fé, a esperança e a caridade. Brilha no retorno que faz sobre si mesmo; na confissão de suas faltas e no pedido que dirige ao Salvador. Nenhuma ilusão possível: Dimas compreende que vai morrer. Vê que só lhe restam poucos instantes do que vulgarmente se chama a vida, mas que, longe de ser a vida, é uma morte contínua. No mesmo instante dirige os pensamentos para a aquisição da verdadeira vida: a vida que começa além do túmulo.

A divina prudência que o ilumina indica-lhe os meios de chegar ao seu fim.

> *Sabeis — diz-lhe ela — que aquele que está crucificado a vosso lado é o Filho de Deus feito homem para salvar o gênero humano. Pedir-lhe a vossa salvação é entrar em seus desígnios. Que vossos crimes não vos assustem. Por maiores que sejam, a sua misericórdia é ainda maior. Vede como é bom! Ora por aqueles que o crucificam e que não o invocam. Rejeitará aquele que não o crucifica e que o invoca? Recorrei, pois, a esse Deus que é a própria bondade e que põe a sua glória em perdoar.*

Dimas dá ouvidos a esse consolador convite e, por um ato que se afasta de todas as regras da prudência humana, pede a sua salvação àquele que acaba de blasfemar.

> *O ladrão hábil — diz são Gregório de Nissa — percebe um tesouro. Aproveita habilmente a ocasião e apodera-se do tesouro, que é a vida eterna: nobre e louvável uso da arte de roubar.*[2]

Aqui não se limita a heroica prudência de nosso santo. Compreendeu que, antes de pedir misericórdia, era preciso começar por onde deve começar todo pecador que quer ser perdoado: pela humilde confissão de suas faltas.

> *E nós-outros o estamos na verdade justamente, porque recebemos o castigo que merecem as nossas obras.*

Escutemos a boca de ouro do Oriente, são Crisóstomo, louvando esse traço de primorosa prudência.

> *Vede a sua perfeita confissão! Ninguém o exorta, ninguém o constrange; mas por si mesmo e espontaneamente confessa publicamente as suas iniquidades, dizendo: Meu companheiro e eu somos condenados justamente, recebemos o digno salário de nossos malefícios; quanto a este, não fez mal algum. Não ousa dizer: Lembrai-vos de mim em vosso reino, antes de ter, pela confissão, deposto o fardo de seus crimes. Poder da confissão! O Ladrão confessa-se, e abre o paraíso; confessa-se, e tal é a sua confiança que, depois de uma vida de banditismo, não receia pedir um reino.*[3]

A maneira por que o pede é novo traço da prudência que o inspira. Dimas desejava ardentemente a felicidade do céu; mas como pedi-la? É verdade que, com humildade heroica, acabava de fazer-se o seu próprio acusador. Com igual coragem, sozinho se fizera advogado do Salvador Jesus.

> *Contudo — dizia consigo —, posso crer que, depois de minha vida de iniquidades, continuada até este momento, o céu me seja dado por quatro palavras? É Deus tão pródigo de seu reino que o dê por tão pouco?*

Tais eram, é fácil compreendê-lo, os pensamentos que inspiravam a Dimas a enormidade de suas faltas e a imensidade do favor que ambicionava.

A prudência veio pôr termo às suas perplexidades.

> *Pedi pouco — disse-lhe — e tereis muito. Vosso Deus não é tão pequeno que recompense pouco por pouco. Tem o coração grande, porque tem coração de Deus. Deus é magnânimo e bom. Magnânimo, abre a mão e dá com a generosidade do Todo-Poderoso. Bom, compraz-se em superar os desejos dos que o invocam.*

Dócil a essa voz, Dimas pede a Nosso Senhor uma simples lembrança: *Memento mei*. Que há de mais modesto!

> *Não ousa dizer — escreve são Lourenço Justiniano —: Dai-me o céu, fazei-me participante de vossa glória, mas somente: Lembrai-vos de mim. Considerava-se indigno, ele, pecador, ele, maculado de crimes até o fundo do coração, ele, raptor do bem alheio, de entrar no reino eterno, onde sabia, pela luz da graça, que Jesus ia reinar como triunfador.*[4]

A esperança do bom Ladrão não foi enganada. Veremos em breve em que magnífica recompensa se transformou a lembrança divina que solicitara. Imitemos nós mesmos essa prudente modéstia. A humildade é o mais seguro meio de abrir sobre as nossas cabeças os mais ricos tesouros da bondade divina.

Acabamos de ver a prudência de Dimas; aprendamos a conhecer a sua justiça. Essa segunda virtude cardeal define-se ordinariamente:

> *Uma firme vontade de dar a cada um o que lhe é devido: a Deus, a quem tudo é devido; ao próximo, a quem muito é devido.*[5]

Considerada sob esse duplo ponto de vista, a justiça brilha com o mais vivo esplendor nos últimos atos do bom Ladrão. Para com Deus, a verdadeira e perfeita justiça consiste em render-lhe as quatro homenagens que lhe são devidas: homenagem de louvor, por causa de suas infinitas

perfeições; homenagem de reconhecimento, por seus benefícios; homenagem de satisfação, pelos pecados cometidos; homenagem de dor, pelas graças negligenciadas.[6]

Depois do que dissemos, seria supérfluo mostrar como Dimas cumpriu esses quatro grandes deveres. Contudo, por afeição a esse santo tão pouco conhecido, tão pouco invocado, queremos tocar em algo disso. Assim que conhece a divindade do Salvador, proclama-a, louva-a, defende-a; acusa-se espontaneamente; confessa que mereceu a morte em expiação das faltas que cometeu; sofre sem murmúrio as atrozes dores da crucificação; reconhece Jesus como autor de todo bem e ora a ele com imperturbável confiança. Para com Deus, não cumpriu o bom Ladrão toda a justiça e, quando se reportam as circunstâncias de tempo e de lugar em que se achava, não a cumpriu com um heroísmo que será a admiração dos séculos?

Para com o próximo, a sua justiça não é menos perfeita. Aos judeus que atulhavam o Calvário, aos pontífices, aos sacerdotes, aos anciãos do povo que passavam e tornavam a passar diante de Nosso Senhor, meneando a cabeça e insultando-o, Dimas devia a verdade. Di-la a eles sem respeito humano, com o risco de atrair um redobramento de torturas. Ao proclamar a divindade de Nosso Senhor, esforça-se por fazê-los entrar em si mesmos, convertê-los e poupar-lhes as penas deste mundo e os castigos do outro. Tanto quanto está em seu poder, opõe-se à perda eterna de seu companheiro, exercendo para com ele a caridade de um amigo e de um irmão.

Qual é o santo, qual é o mártir que, nas dores da doença ou nas angústias da morte, mostrou mais zelo pela glória de Deus e pela salvação do próximo, mais grandeza de alma, mais heroísmo?[7]

Notas

[1] *Dicendum quod prudentia est bene consiliativa de his, quæ pertinent ad totam vitam hominis, et ad ultimum finem vitæ humanæ.* («Deve-se dizer que a prudência é boa conselheira acerca do que pertence a toda a vida do homem e ao último fim da vida humana.») I-II, q. 57, art. 4, ad 3.

[2] *Animadvertit fur acutus et ingeniosus thesaurum, et nactus occasionem, vitam rapuit, arte furandi pulchre et solerter usus.* («O ladrão agudo e engenhoso percebeu um tesouro e, achada a ocasião, arrebatou a vida, usando bela e solertemente a arte de furtar.») *Orat. de 40 Martyr.*

[3] *Non prius ausus est dicere: Memento mei in regno tuo, quam per confessionem peccatorum sarcinam deposuisset. Vide quanta res sit confessio! Confessus est, et paradisum aperuit; confessus est, et tantam accepit fiduciam, ut a latrocinio regnum peteret.* («Não ousou dizer antes: Lembra-te de mim em teu reino, que, pela confissão, tivesse deposto o fardo dos pecados. Vê quão grande coisa é a confissão! Confessou-se, e abriu o paraíso; confessou-se, e recebeu tamanha confiança que, do latrocínio, pediu um reino.») *De Cruce et Latr.*, n.º 3.

[4] *Dicere ausus non est: Da mihi regnum, fac me participem esse gloriæ tuæ. Indignum esse arbitrabatur, ut homo peccator, corde pollutus, alieni raptor, in regnum introiret æternum, ubi Christum, revelante gratia, triumphaliter regnare cognovit.* («Não ousou dizer: Dá-me o reino, faze-me participante de tua glória. Julgava indigno que um homem pecador, de coração poluído, raptor do alheio, entrasse no reino eterno, onde, por revelação da graça, conheceu que Cristo reinava

triunfalmente.») *De Pass. Dom.*

[5] A essa definição reduz-se a de santo Tomás: *Justitia est quædam rectitudo animi, per quam homo operatur quod debet in quacumque materia.* («A justiça é certa retidão da alma, pela qual o homem opera o que deve em qualquer matéria.») I-II, q. 61, art. 4, no corpo.

[6] *Justitia vera et perfecta ad Deum, est redditio debitæ laudis in omnibus divinæ naturæ; debitæ gratiarum actionis pro omnibus donis collatis; debitæ satisfactionis pro omnibus commissis et omissis; debiti fervidi doloris pro omnibus gratiis neglectis.* («A justiça verdadeira e perfeita para com Deus é a retribuição do devido louvor em todas as coisas da natureza divina; da devida ação de graças por todos os dons concedidos; da devida satisfação por todos os pecados cometidos e omitidos; da devida e fervorosa dor por todas as graças negligenciadas.») B. Alberto Magno, *Parad. anim.*, liv. I, cap. X.

[7] *Hæc quatuor habuit latro, qui Christum in cruce confessus est. Habuit sapientiam, quia per fidem illuminatus, tunc Christum Deum esse cognovit, quando eum omnes discipuli reliquerunt. Habuit justitiam, quia alterum latronem blasphemantem, per charitatem corripuit. Habuit sanctificationem, quia per fidem et dilectionem, Christum oravit. Habuit participium redemptionis, sicut Dominus ait: Hodie mecum eris in paradiso.* («Estas quatro coisas teve o ladrão que confessou Cristo na cruz. Teve sabedoria, porque, iluminado pela fé, conheceu que Cristo era Deus no momento em que todos os discípulos o abandonaram. Teve justiça, porque, por caridade, repreendeu o outro ladrão blasfemador. Teve santificação, porque, pela fé e pelo amor, orou a Cristo. Teve participação na redenção, como diz o Senhor: *Que hoje serás comigo no paraíso*.») Godofredo, abade, Serm. 10, *De Latr. salvat.*, na *Bibl. PP.*, t. XXI.

Revision #1
Created 25 November 2026 00:40:12 by Admin
Updated 25 November 2026 00:40:12 by Admin